



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

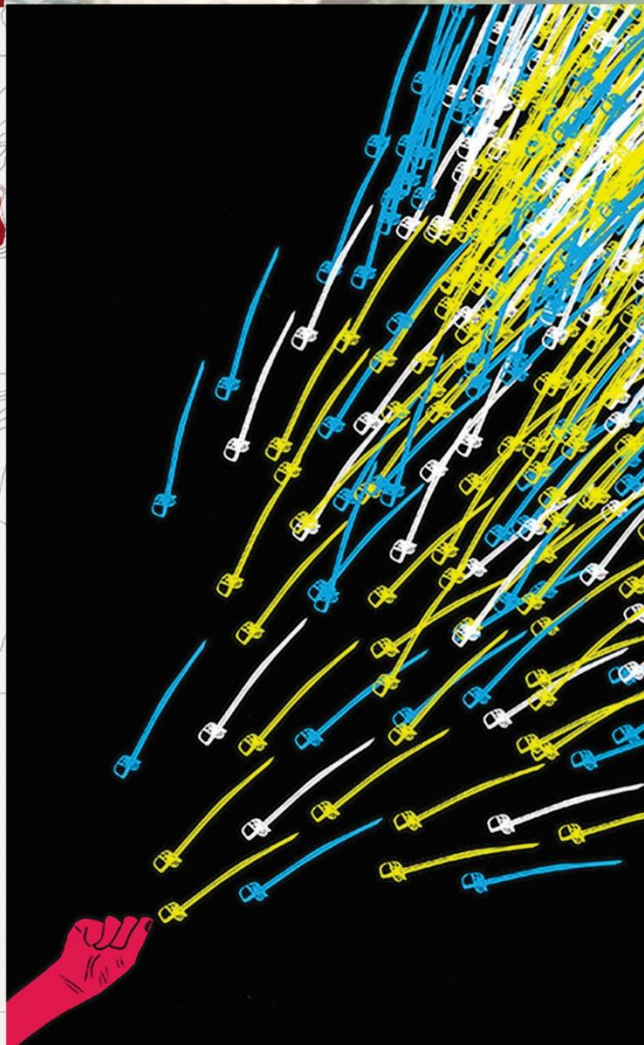
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793



Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



O CAPIM TEM SABOR: FESTEJOS E SABERES NA TRADIÇÃO DO LOUVOR A SÃO JOÃO BATISTA NA CIDADE DE GOIÁS

THE GRASS HAS FLAVOR:
CELEBRATIONS AND KNOWLEDGE IN THE TRADITION OF THE PRAISE OF SAINT JOHN THE BAPTIST
IN THE CITY OF GOIÁS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667789>

Envio: 22/07/2020 ♦ Aceite: 28/09/2020

Lorena Santana Ribeiro



Mestranda da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Programa Território e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER). Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO),

Mary Anne Vieira Silva



Pós-doutora em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Geografia Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil Professora no Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do curso de Geografia do Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil

RESUMO

Este texto propõe uma abordagem interdisciplinar sobre o envolvimento identitário dos moradores da Rua do Capim com a festa junina de São João, Arraiá da Rua do Capim, localizada no bairro Carmo na cidade de Goiás. A análise desdobra-se para compreender os significados culturais atribuídos pela comunidade durante a participação no preparo das comidas servidas em Louvor à São João Batista. A festa é realizada há mais de setenta anos pela comunidade dessa rua, dentre os vários aspectos, a festa é o momento de lazer, e espaço de trocas e de saberes. Durante o preparo das comidas típicas como seus diferentes tipos gastronômicos, a festa torna-se o espaço de referência e permanência afetivas para seus fazedores.

PALAVRAS-CHAVE: cultura junina, tradição e cultura, sensibilidades, gastronomia cultural, história regional

ABSTRACT

This text proposes an interdisciplinary approach on the identity involvement of the residents of the street of Capim with the June party of St. John, Arraiá da rua do Capim, located in the neighborhood Carmo in the city of Goiás. The analysis unfolds to understand the cultural meanings attributed by the community during the participation in the preparation of the food served in Praise of São João Batista. The festival has been held for over seventy years by the community of this street, among the various aspects, the party is the moment of leisure, and space for the exchange of knowledge. During the preparation of typical foods such as its different gastronomic types, the party becomes the space of reference and affective permanence for its makers.

KEYWORDS: Junine culture, tradition and culture, sensibilities, cultural gastronomy, regional history

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em compreender a Festa Junina Arraiá do Capim na cidade de Goiás/GO, por meio das práticas de sociabilidade construídas na preparação do que é servido gastronomicamente na festa. Intenta-se compreender a organização que a comunidade promove para a manutenção dos elementos da identidade cultural e permanência das redes de convívio que unem indivíduos, familiares e visitantes através de um elemento tão sensível e presente na cultura de modo geral, que é a alimentação. Em outras palavras, através deste artigo, intenciona-se analisar como as práticas em torno do que é servido no festejo contribuem para perceber a Rua do Capim como lugar de identidades, cordialidade e permanências?

A cidade de Goiás é conhecida pelos vários movimentos culturais que acontecem no município, porém a Festa São João Batista, Arraiá do Capim não faz parte do calendário oficial e tampouco é divulgada nos meios de comunicação de massa, comparando-se com aqueles localizados no próprio município. A cidade apresenta oficialmente, os eventos: o Carnaval, a Procissão do Fogaréu e o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA).

Os procedimentos de investigação empregados na pesquisa centraram-se em consultas bibliográficas e historiográficas de pesquisadores que atuam no campo do imaginário, festividades populares e história regional de Goiás. Dentre eles destacam-se Bosi (1994) e justifica-se o uso das referências deste autor, visto que memória é um

importante conceito a ser desenvolvido ao longo do texto, devido ao caráter inédito da pesquisa. Para construção narrativa das danças típicas do período junino recorre-se a Cortês (2000) e Zaratim (2014), e suas pesquisas a respeito do figurino e das tradições que permeiam este universo. Hobsbawn e Ranger (2014) como aportes para a compreensão de como se nasce uma tradição dentro de um grupo, Sergio Buarque Holanda (1995), no clássico livro *Raízes do Brasil*, explicando a cordialidade como característica típica do povo brasileiro, conceito que será utilizado para defender que o Arraial do Capim é um lugar onde a cordialidade entre os festeiros reforçam o lugar de permanência e identidade da Rua do Capim. Maduro (1994) para referenciar como se dão os rituais religiosos dentro da festa e Montanari (2008) que em seu livro, *Comida e Cultura*, busca uma relação através dos tempos, entre o que se come e o modo como isso é feito, explicando os códigos envolvidos no sistema alimentar das sociedades, e especificamente no âmbito deste trabalho, será embasado para explicar a relação da comunidade da Rua do Capim e os alimentos servidos durante o festejo. Ressalta-se a consulta a documentação e mapas goianos da época e do período referente à fundação da rua, bem como a construção de roteiros de entrevistas sobre a festa.

1. RUA DO CAPIM: LUGAR DE SABERES E SEUS SABORES

A cidade de Goiás é conhecida nacionalmente como um dos principais lócus culturais do Estado. Nela, ocorrem práticas vistas como sendo importantes expressões da sociedade goiana, algumas circundam o imaginário das questões que se ligam a sociedade colonial. De acordo com a historiografia regional de Goiás, no século XIX, no local, se extraíam riquezas minerais, e ainda era ocupada pelos pequenos comércios que atendiam as diversas confrarias que ali se formavam.

A estrutura urbana da cidade de Goiás se construiu por ramificações de infraestruturas a fim de assegurar a exploração do ouro. O principal sítio urbano é formado pelas ruas de Vila Boa, nessas, a vida acontece pelas narrativas das famílias por meio de histórias próprias, por seu folclore recém-nascido e mestiço, composto de

tantos outros folclores que foram se misturando e formando a vida cultural dessa cidade.

A Rua do Capim, assim afetivamente apelidada por seus primeiros moradores, data dos primórdios da constituição da cidade, tem o seu nome civil bem distante desta folhagem de gramíneas conhecida em seu passeio. Em seu registro oficial, ela é Rua Conceição e localiza-se no Bairro Carmo, considerado periferia, embora seja próximo do centro histórico. O espaço é um largo, local que segundo o dicionário da Língua Portuguesa, é de grande extensão de lado a lado; amplo; extenso; espaçoso. Mas também chamado de Praça do Capim por seus moradores e toda comunidade da cidade, não tem comércio oficial e é rodeado apenas por casas.

A Rua do Capim é marcada por movimentos de fraternidade, solidariedade, amizade, e, sobretudo de vínculos afetivos, boa parte da comunidade é constituída por laços familiares. É composta por uma teia de significados plurais em sua dimensão religiosa, onde a devoção por seus deuses não interfere no fazer coletivo da festa. No contexto plural, parte significativa é declarada católica, outras são evangélicas, umbandistas e candomblecistas. Essa diversidade religiosa não é um empecilho quando se trata de se reunirem para a realização da festa junina, pelo contrário, é o momento que todos se unem em prol da realização do festejo e contribuem com suas vivências para celebração da semana santa.

Esta pluralidade, trazida neste artigo, se revela não apenas na devoção religiosa, mas pelos grupos de pessoas que se diferem por profissões, grau de escolaridade, tipos de renda econômica, afazeres e tarefas dentro da comunidade. Nesta rua, a vida cotidiana torna-se bem lembrada pelas histórias das pessoas e expressões culturais se misturaram e dão contornos aos novos saberes que formam a vida cultural dessa cidade.

2. ARRAIÁ DO CAPIM: UM LUGAR DE IDENTIDADE, CORDIALIDADE E PERMANÊNCIA

As festas em louvor a São João, santo que de acordo com a crença foi o responsável pelo batismo de Jesus Cristo, tornam-se para parte do Brasil, representações de cunho religioso, de lazer, de turismo. Desde a infância as festas de

junho são vividas nas atividades escolares, da igreja, das comunidades, por meio das brincadeiras de balão, o vestir tradicional, as comidas e brincadeiras típicas do período, como as quadrilhas e quermesses. As tradições católicas do país têm suas raízes mescladas culturalmente, muitas ganharam destaques ou foram resignificadas com o tempo. Sobre as festas em louvor a São João, tão cultuado na crença católica, Côrtes, destaca que:

[...] em junho comemoram-se os festejos em homenagem a três santos do mês. São as chamadas “festas juninas” que têm início em 13 de junho, dia de santo Antônio. [...] Dia de São João é 24 de junho, o ápice das festas juninas. As fogueiras, símbolo máximo da comemoração, estão relacionadas às tradicionais festas pagãs existentes na Europa antes da chegada do cristianismo, realizadas em homenagem aos deuses da fertilidade, em que se comemoravam as boas colheitas e o fim do inverno. [...] A adoração a São João era tradicional na Península Ibérica e foi, portanto, trazida ao Brasil pelos jesuítas. (CORTÊS, 2000, p.22-23).

O festejo aqui estudado é considerado singularmente como uma das festas juninas mais bonitas e inclusivas em todas as regiões brasileiras. Ele envolve não apenas aqueles que são chamados para cuidar da sua estrutura, os festeiros da Rua do Capim (cujo nome é sorteado entre as pessoas dispostas a cuidar da tarefa), mas também as crianças que cuidam dos enfeites, levantam mastros, pintam os muros junto com os seus pais e avós, além dos jovens e os idosos que em seus interesses diversos encontram na festa, um momento de cordialidade, de reencontro com fazeres artesanais que dependem de tempo, força, habilidade e ensinamento oral.

A cordialidade, característica atribuída ao povo brasileiro por Sergio Buarque de Holanda, em um capítulo do seu livro *Raízes do Brasil* (1995), explica as relações de gentileza vividas pela comunidade da Rua do Capim. A comunidade é calorosa entre si e busca acontecer enquanto o outro também acontece.

Isso pode ser justificado com a ênfase do autor sobre o que considera uma forma do Brasil nascente, enquanto civilidade, lidar consigo e com sua relação com o forasteiro “a contribuição brasileira para a civilização será o homem cordial”. (HOLANDA, 1995, p. 147) Isto porque, diante de tantos desafios no comunicar-se com o outro, o brasileiro escolhe ser gentil, espontâneo e engraçado. Nas palavras do autor “o brasileiro não

suporta o peso da individualidade, precisa viver nos outros” (p. 147). O homem cordial, conceituado pelo autor, revela-se como uma necessidade de assimilação afetiva, no caso aqui estudado pode-se fazer uma analogia, como se ao servir um alimento, costurar uma roupa, preparar o ambiente, a comunidade dotada de conhecimentos e vivências ancestrais, estivesse escrevendo em uníssono sua memória. Sendo assim ao proporcionar um momento para ser vivido entre todos, mesmo que os pequenos conflitos sejam inevitáveis, faz-se uma escolha por curvar-se diante da tradição, do conhecimento de quem já vivenciou a experiência, por exemplo, de fazer o Arraiá do Capim, em um ambiente cordial e de construção de significados.

Adriana Baggio (2005) “explica que ao nomear os fatos, os objetos, as coisas sensíveis e insensíveis, o saber coletivo, se apropria do que é nomeado, passa a fazer parte do dia a dia daquelas pessoas” e assim posto, a festa aqui estudada, que responde por tantos codinomes: “Arraiá do Capim”, “louvor a São João Batista – Arraiá do Capim”, “Festa Junina do Capim” vai se entendendo a setenta e três anos, completados no ano de dois mil e dezenove, na antiga Vila Boa de Goiás.

3. OS SABORES DO CAPIM: UM MANEJO DAS COMIDAS TÍPICAS NA COMPOSIÇÃO DA FESTA

As festas em louvor aos santos juninos por todo o Brasil não se trata de práticas cotidianas, são rituais religiosos e festivos essenciais para as culturas, diferenciando-se em cada localidade. Para Maduro (1994, p.11),

em certo sentido pode-se dizer que a vida humana gira em torno da festa, move-se no sentido da celebração. Nós lutamos de sol a sol para conseguir aquilo que dê alimento e sentido à vida e que, portanto, mereça ser festejado jubilosamente em companhia de nossos entes queridos: trabalho, amor, alimento, saúde, liberdade, paz, tempo para descansar, brincar e desfrutar a amizade gratuita. Lutamos constantemente para encontrar motivos, tempo, espaço, e outros recursos para poder celebrar a vida sem medo nem culpa; para poder festejar o bom da vida sem causar sofrimento à vida dos outros.

As palavras de Maduro nos permitem pensar nessas festas espontâneas, como rupturas do cotidiano repetitivo e das horas controladas pelo tempo do trabalho e de outras obrigações. Na cidade de Goiás é visível a intensa movimentação que ocorre nos

períodos de suas principais festas. Mas quando se trata daquelas que fazem parte das comunidades locais, os momentos se partilham entre o dever e o prazer, a fluidez e a tradição, enfim, são as singularidades que ganham lugar e preenchem de sentidos a festa.

A festa junina Arraiá do Capim pode ser considerada a expressão cultural mais relevante que acontece na rua. Nela, a vida cotidiana, torna-se bem lembrada pelas histórias, que se tornam fundamentais para reconhecer as expressões, bem como aquelas que se misturaram e dão contornos aos novos saberes que formam a vida cultural dessa cidade.

Perceptivelmente, no Brasil, o ciclo junino com suas festas, alastra-se por todo país, agrupando em si características regionais, variáveis conforme sua influência e realidade. Com a festa em questão, não foi diferente, pois ela agrega fatores específicos e várias particularidades. É inquietante pensar no abandono das tradições dessas festas e perceber que em determinados lugares ou vilarejos elas se diluem em decorrência dos fatores de urbanização que vão dando lugar a outros tipos de manifestações culturais mais modernas. Mas a realidade da Rua do Capim é outra, ainda que haja alterações que são inevitáveis ao longo do tempo, a tradição do festejo em louvor a São João Batista mantém-se. Como observa Hobsbawm e Ranger (1997), toda tradição é uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro.

O festejo da Rua do Capim acontece a despeito de todas as expectativas da cultura de massa, que não tem influência direta sobre os gostos, comportamentos e anseios da comunidade em sua preparação. Pelo contrário, há um esforço coletivo para o viver e fazer a tradição de maneira a não depender destes elementos.

Respeitando o que é feito há tantas décadas, o Arraiá do Capim não acontece apenas nos três dias marcados para quadrilha, brincadeiras e cantorias. O início se dá com a divisão e hierarquia das tarefas delegadas pelo Festeiro, no intuito de preservar a tradição do Arraiá do Capim. Por não se tratar de uma festa essencialmente comercial, o apoio financeiro vem da própria comunidade, sendo o festeiro aquele que coordena a arrecadação das doações, promoção de rifas, bingos e se valendo do empenho de todos para levantar o valor necessário para que a festa ocorra.

Também é responsabilidade do festeiro cuidar da parte burocrática, compor e validar os ofícios registrá-los em cartório, pedir autorização para que o espaço público possa ser utilizado. É o momento onde a tradição esbarra com a máquina municipal, mas nem por isso, encontra grandes dificuldades para realização, já que os modelos de autorização são seguidos e respeitados. O intuito é fazer a festa acontecer dentro do que é permitido por lei e respeitando o orçamento conseguido pela comunidade.

Em todas as festas juninas, como exemplo o Arraiá do Capim, são cantadas as ladainhas em latim, o levantamento do mastro, a alvorada e a procissão. A festa é tradicionalmente organizada pela comunidade próxima à igreja, contando com o apoio da Diocese, da banda do 6º BPM e demais moradores da cidade de Goiás. De modo geral, essas festas e procissões, nos fazem pensar nos patrimônios construídos pelos vilaboenses e de forma particular pela comunidade do Capim.

Tamaso (2001) ressalta no quão o poder de grupos e agentes específicos pode atuar duplamente, tanto no sentido de preservar estes bens culturais da violência simbólica praticada pela Igreja progressista, quanto no sentido de mercantilizar uma parte desse patrimônio e disponibilizá-lo ao consumo visual. A festa do Capim conta com todos esses “apoios”, mesmo porque sem eles, ela não existiria de forma legal.

4. AS NOVENAS E O LEITE DE ONÇA

As novenas são compostas por rezas e cânticos. As rezas ajudam os devotos a esperarem o dia da festa, também possuem função de confortar e pagar as promessas feitas pelos seus devotos. Segundo Mauss (1997, p.117), “a prece é uma conversação com Deus, movimento em direção a divindade”. As rezas apresentam um padrão, uma série de palavras que se repetem, por isso, possuem caráter ritualístico. Como um rito, as rezas são tradicionais e sua principal função é fazer ligação dos devotos com o sagrado.

As novenas da Rua do Capim são iniciadas no dia quatorze do mês de junho, cada novenário que aceita abrir sua casa em função à sua devoção ao santo prepara sua casa para receber os religiosos para as rezas. Salienta dizer que nem todos os moradores da

Rua do Capim são católicos. A moradora A¹¹, que reside na comunidade há cinco anos, é evangélica e diz que participa da festa por achar “bonito demais a devoção das pessoas”. Assim como ela, há pessoas de diversas religiões como Umbanda ou Candomblé, mas que participam da festa em prol da união e por estarem envolvidas tradicionalmente com o festejo.

Sobre as novenas do Arraia do Capim, antigamente elas eram realizadas na casa do festeiro, mas com o passar dos anos, a tradição deu lugar as novas ressignificações, e os nove dias de rezas e adorações são realizados cada dia na casa de um morador diferente. Neste dia, um cômodo da casa é escolhido para o ritual, no local é montado o altar para que a imagem fique exposta para os devotos, que passam a fazer desse um lugar de peregrinação. Esses lugares são enfeitados em sua maioria com toalhas brancas e vermelhas, e é pendurada ao centro do altar a bandeira do santo.

Existe a tradição de que a novena que circula na Rua do Capim não pode cruzar o largo, é preciso que cada casa do novenário siga a sequência circular, ou seja, se a primeira casa estiver localizada no lado esquerdo a última casa que rezará a novena será do lado direito. Seus moradores relatam que esta tradição se manteve ao longo dos anos. Outra particularidade das novenas realizadas na Rua do Capim é que elas são rezadas por uma única senhora, e em latim. Tradição esta que também se mantém viva.

A participação das rezas é aberta aqueles que quiserem participar, sendo assim toda a comunidade é convidada e fica conhecendo com antecedência onde ocorrerá cada reza e em quais dias. Analisando o acervo da comunidade em vídeo e a mídia produzida para este trabalho, é possível observar que as rezas tradicionais da crença cristã, são transformadas em canções ritmadas, como por exemplo, “Ave Maria” ou o “Pai Nosso”. São ladainhas que se tornam particulares e mais próximas da realidade deste grupo estudado.

¹¹ Como escolha para escrita do trabalho, os entrevistados não serão identificados por seus nomes pessoais, mas sim com indicações de letras do alfabeto, visto que é um relato com pessoas que ainda vivem nesta mesma comunidade e participam efetivamente do passo a passo da festa. Esta escolha se apoia nas orientações de Manzini (2006), cujo estudo sobre transcrições de entrevistas, explica que a personificação de um entrevistado, é passível de discussão frente às falas apresentadas pelos diversos interlocutores, podendo o pesquisador optar por identificações que não exponham o nome dos entrevistados.

Ao final de cada novena, uma bebida típica é servida: o leite de onça. Para seu preparo misturam-se ingredientes simples, como leite, pinga do alambique e coco, porém juntos fazem com que seja a iguaria mais procurada durante todo o Arraial.

Os processos culturais relacionados ao consumo e preparo de determinado alimento ou bebida de acordo com Montanari (2004) são resultado, portanto, da domesticação, da transformação e da reinterpretação da natureza como forma de organizar estes saberes, categorizá-los, transportá-los para o lugar social. O autor aponta mais uma definição para o alimento como cultura, que está ligada à escolha:

comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. “Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la” (MONTANARI, 2004, p.16)

Baseado nesta citação pode-se arriscar que todo o sucesso atribuído à bebida, que compõe o rito das novenas, seja mérito de uma única moradora, já que é ela quem cuida do preparo há muitos anos, e mesmo que todos conheçam os ingredientes, não são eles que trazem o encanto para o que é servido. É o saber fazer, tornando este preparo misterioso.

Este cuidado afetuoso com o apresto, cuja feita pertence a esta senhora, faz com que os devotos, sintam que é o ato final de cada reza, parte também da reinvenção do sagrado, pois na crença católica há um momento chamado transubstanciação, que de acordo com o dicionário da língua portuguesa, é a conjunção de duas palavras latinas: *trans* (além) e *substantia* (substância), juntamente com o significado literal da palavra, existe a interpretação do *O Novo Testamento*, livro sagrado católico, no discurso do Pão e da Vida. Nesta interpretação o pão e o vinho são transformados respectivamente em corpo e sangue de cristo. Este rito, tão tradicional nos cultos católicos nos permite fazer uma analogia: a transubstanciação que é feita do leite de onça, que longe de ser a transformação da bebida no sangue do cristo católico, surge como uma transformação de uma bebida que poderia ser considerada profana e que

em um momento do ritual, ela é transformada em algo que faz parte da própria novena e aqueles que se sentem assim, podem desfrutar e apreciá-la, ressignificando o ato de bebê-la.

5. O MASTRO, A FAROFA E A PINGA

Segundo a crença dos católicos¹², o mastro lembra a passagem da história do nascimento de João Batista e da fogueira de Isabel. Conta a parábola cristã, que, João, filho de Isabel e prima de Maria, mãe de Jesus, nasceu no dia 24 de junho. Nesse dia, Isabel pediu para que levantassem um mastro iluminado com uma fogueira em sua volta para anunciar à Maria o nascimento do seu filho.

Sendo uma festa junina típica, o levantamento do mastro leva protagonismo bem antes do início da própria decoração da rua para festa e ilustrando este momento, um dos personagens emblemáticos desta história é o Alferes da Bandeira, que organiza os moradores para cortar a madeira que servirá de base para o mastro, ainda no mato. Neste local se segue outra tradição: esta base tem que ser cortada com o machado, a retirada não pode ser manuseada com moto serra, ou outro instrumento que facilite o manejo. Esta narrativa faz com que se perceba que tradicionalmente este corte deve ser vivenciado pela comunidade, que deve senti-lo e comemorá-lo com o esforço de todos os envolvidos.

É o festeiro quem fica responsável pelo preparo de uma farofa típica que servirá de combustível para toda esta empreitada, e regar os companheiros do alferes com um litro de pinga, estes são importantes elementos rituais no trato que se segue. Antes mesmo de acharem a madeira que servirá de mastro, é anunciada a partida do grupo com fogos para que toda comunidade saiba que a busca pelo mastro daquele ano irá começar. A farofa e a pinga vão junto. São assim por dizer também, capitães do mato, recompensa e contentamento, diante da difícil, mas prazerosa tarefa da busca, do corte

¹² Saber popular, incorporado à crença e tradição de tantas festas juninas pelo Brasil. (nota explicativa da autora do artigo)

e da entrega do elemento fundante, da festa para a comunidade. Assim que retornam, o grupo anuncia a chegada do mastro de São João Batista com mais fogos e cantoria.

6. A QUADRILHA, A PIPOCA, CACHORRO QUENTE E DOCE

A dança da quadrilha, como conhecemos hoje, teve início na Inglaterra no século XIII e posteriormente foi incorporada à cultura francesa. Daniela Diana, produtora de conteúdo cultural do jornal *on-line* da UOL¹³, descreve em suas matérias sobre o tema, a respeito da dança que se aproxima do que conhecemos hoje nas festas juninas.

Outrora cheia de pompa e coreografada caiu nas graças da nobreza europeia e com a colonização portuguesa no século XVIII chegou ao Brasil, tornando-se uma festa de gosto popular. A referida autora, completa ainda, que por tratar-se de uma festa caipira, a figuração que é dada, as roupas o modo de atuar nas quadrilhas juninas carrega os moldes das populações que habitavam o sertão do norte e nordeste do Brasil, mas culturalmente viajou as demais regiões do país, adaptando-se aos costumes de cada localidade. Atualmente é um estilo de dança muito bem aceita por manifestações culturais diversas, sendo que em Goiás não seria diferente a incorporação de tal manifestação, ainda mais por ter sido uma sociedade rural por longa data.

Segundo o pesquisador Zaratim (2004, p.22), em sua dissertação “Quadrilhas Juninas em Goiânia: novos sentidos e significados,

entende-se por quadrilha junina as danças realizadas nas manifestações festivas que acontecem preferencialmente, no mês de junho, no território brasileiro, associados aos santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro.

A Rua do Capim organiza e mantém sua própria tradição com a quadrilha formada pelas crianças menores e outra com jovens e adultos, promovendo uma

¹³ “Universo Online, mais conhecido pela sigla UOL, é uma empresa brasileira de conteúdos, produtos e serviços de Internet do Grupo UOL PagSeguro. Em 2017, foi considerado pela plataforma SimilarWeb o quinto site mais visitado da Internet no Brasil, atrás dos sites do Google e do Facebook.” – trecho copiado na íntegra da OFL S.A. (controlador), do site www.uol.com.br/aba, sobre a marca)

coreografia com os elementos folclóricos¹⁴ típicos do período. Por ser uma apresentação que requer ensaios, um tipo diferente de organização, com um corpo grande de dançarinos não profissionais, necessita de um cuidado além daquele que o festeiro já faz e por isso há um responsável especial para a ação. Até o fechamento desta pesquisa a responsabilidade estava nas mãos de uma única moradora há 12 anos. Quando colocado nesta pesquisa sobre este protagonismo de mais de uma década, de uma única moradora, não quer dizer que ela faça tudo sozinha, é uma festa da comunidade, sendo assim ela segue o esforço coletivo já mencionado, porém, é ela a pessoa que delega, cuida da disposição dos dançarinos, organiza as crianças e os ensaios e também serve (financia ou busca modos de financiar) o lanche quando a quadrilha acaba.

A respeito do figurino utilizado pelas pessoas que dançam as quadrilhas na Rua do Capim, é uma vestimenta simples que permeia a representação desta dança em várias regiões do país. A escolha por um elemento ou outro, na caracterização dos dançarinos, busca simular a ideia que se tem da vida no meio rural de momentos anteriores ao que vivemos, e Zaratim (2014) explica o porquê,

[...] com tecidos de pouca qualidade e, no caso dos cavalheiros, está sempre cheias de remendos. Essa é uma visão urbana sobre os matutos, que denota a pobreza do homem do campo e suas privações. É bem verdade que, mesmo no meio rural, as pessoas gostariam de ir às festas com suas melhores roupas. Porém, as caricaturas das quadrilhas juninas tradicionais/matutas apresentam roupas femininas cheias de babados e saias compridas em cores vivas e muitas vezes de mau gosto. O vestido da noiva é mais apurado em tecidos e rendas brancas, com véu e grinalda. O homem já não tem tanta variação no seu traje. Este é composto por calça modelo pega marreco (calça com barras na altura dos calcanhares), cheia de remendos de restos de tecidos, e camisa xadrez, colorida, quadriculada e/ou remendada. Usam botinas com meias furadas e chapéu de palha (ZARATIM, 2014, p.38)

Por não se tratar de uma festa onde uma dança de quadrilha compete com a outra, tendo o intuito apenas de diversão e de apresentação tradicional ao público

¹⁴ Os elementos de uma quadrilha tradicional simples são divididos em 27 passos que percorrem o caminho da festa, o balancê, e segue até a despedida. A narração é geralmente feita com muita animação, orientando os dançarinos sobre o que será feito a seguir.

presente, no Arraiá do Capim, os trajes seguem o gosto particular de cada dançarino, não havendo padronização entre os integrantes, mas com as especificações apontadas por Zaratim em sua dissertação.

A moradora A1, entrevistada pelo documentário *Quadrilha do Capim*, que seguia à frente da organização das etapas da quadrilha no ano de sua entrevista (2012) explica que nas primeiras festas, este momento contava apenas com a farofa típica na hora da encenação do casamento, que é o ápice da dança. Afirma ainda que com o tempo, a comunidade se organizou e além desta iguaria, dependendo de cada responsável, passou a servir lanches mais lúdicos, que em certa medida, lembram os quitutes que são servidos em um aniversário infantil, mas que não fogem da proposta de uma festa caipira: com alimentos que podem ser vistos em várias celebrações juninas: pipoca, paçoca, pé de moleque, arroz doce.

Importante ressaltar como a passagem do tempo e inserção de novos atores simbólicos, aqui entendidos como o alimento servido durante a quadrilha, para o festejo vão sendo percebidos pela comunidade. Uma senhora pode dizer que no seu tempo as crianças dançavam e se divertiam tendo apenas a farofa como alimento durante e depois do festejo e que as crianças de hoje têm à disposição cachorro quente, pipoca e doces diversos e ainda assim não se divertem tanto. A esta suposição, reside o lugar onde o passado é percebido como o lugar onde as melhores coisas aconteceram, onde residem as melhores memórias, uma cobiça passional de regresso impulsionado por momentos felizes e antigas relações sociais.

A comida na sociedade da abundância (MONTANARI, 2008), e por abundância aqui entendemos como fartura não de bem materiais, mas do que pode se oferecer de alimento para o outro, é aquela em que os valores nutricionais são menos importantes do que os valores acessórios. Estes valores apresentados às crianças após a quadrilha é o valor da recompensa, da sobremesa, é o valor simbólico que a mãe oferece ao filho que comeu toda a refeição saudável no almoço da família e que, portanto, tem o privilégio da sobremesa. Ao mesmo tempo, de acordo com Montanari, (2008, p.164) é necessário entender por que estes valores se diferenciam e porque, “o caráter expressivo da refeição, nunca é distinto do valor concreto (econômico e nutricional) dos

alimentos consumidos. É, portanto, indispensável identificar uma gramática da comida e decodificar suas regras”

Qual é a regra então, quando são oferecidos, também, aos caipirinhas, após a apresentação infantil, cachorro quente e refrigerante? Este momento de confraternização entre as crianças participantes tem uma dupla função simbólica, que pode ser percebida: uma maneira de agradecer-las pela participação e ao mesmo tempo estimulá-las para a continuidade da festa através do tempo.

7. O CAFÉ DA MANHÃ NO ALVORECER DA PRAÇA DO CAPIM

Tanto esforço e dedicação dos que se apresentaram ou que tiveram funções que possibilitaram a realização de mais uma edição da festa de São João Batista – Arraiá do Capim é recompensado e celebrado em uma confraternização com farta mesa ao amanhecer, após a última madrugada de festa. Não que isso seja uma regra, mas se mostra como um costume já arraigado à comunidade por ocasião da festa, e sua importância decorre do fato de que nem todo nascer do sol na Rua do Capim proporciona um café da manhã comunitário.

O café da manhã, mesmo após uma noite festiva, é um momento importante de reunião dos moradores para uma avaliação geral do evento que ali está sendo encerrado e ainda para apontar as necessidades de melhorias, as sugestões de alterações para o ano seguinte, visando aperfeiçoamentos para o próximo ano. Assim, como tudo que vai sendo incorporado à festa acaba sendo debatido ao mesmo tempo em que se agradece a quem participou, a quem celebrou ou cantou.

As cores que enfeitam os forros das mesas e dos demais ornamentos seguem as cores também distribuídas nos altares das casas onde foram celebradas as novenas (branca e vermelha). As mesas de plástico unidas, são montadas no largo da praça onde nas noites anteriores, durante a festa, dançou-se a quadrilha, o forró e o baile, mesmo local em que houve ainda o levantamento do mastro. Mesmo que não esteja instituído oficialmente no calendário da festa, o café da manhã é o momento onde o festejo se despede da comunidade em relação à festa que conduziu, é onde também ocorre a

reunião que marca o fim do ritual do ano em questão. Montanari (2008) explica, sobre esta junção de uma comunidade em torno da alimentação do grupo,

comer junto é típico, ainda que não exclusivo da espécie humana [...] E uma vez que os gestos feitos juntos de outros tendem a sair da dimensão simplesmente funcional para assumir um valor comunicativo, a vocação convival dos homens se traduz imediatamente na atribuição de um sentido para os gestos que fazem ao comer. Também desse modo, a comida se define como uma realidade deliciosamente cultural, não apenas em relação a própria substância nutricional, mas também às modalidades de sua assunção e de tudo aquilo que gira em torno dela (MONTANARI, 2008, p.157).

Ao comer, ao dividir o espaço com outro, os indivíduos estão se reafirmando culturalmente. Dividir uma mesa, fazer parte dela é comunicar-se com o outro através do alimento, usando ou não este momento como mediação do espaço que se divide. Complementando esta ideia, Montanari (2008) traz um elemento essencial sobre a reunião que é feita em torno de um evento como esse, a partilha da comida:

[...] a atribuição de um pedaço ou de outro nunca é casual (...), mas reproduz as relações de poder e de prestígios dentro no grupo. Disso, temos testemunhos significativos já na épica grega: nos poemas homéricos, aos hóspedes se oferece sempre o melhor pedaço. Na literatura céltica, em torno da divisão das carnes se desenrolam lutas furiosas entre os chefes de tribos antagonistas ou clãs rivais (MONTANARI, 2008, p. 158).

Cada morador quer trazer à mesa do café da manhã comunitário o que faz de melhor para sua própria família. Sendo assim, o que é oferecido, geralmente, é o famoso bolo preparado no cotidiano para o café da tarde, o pão caseiro feito com afeto para os filhos, um biscoito cuja receita antiga é passada de geração em geração. É como se quem levasse o seu quitute favorito estivesse comunicando ao outro que aquele prato é o que a sua mesa tem de melhor, o que configura como o compartilhamento cordial entre os demais moradores e participantes da festa de São João da Rua do Capim.

É neste lugar de socialização e partilha, o Largo do Capim, que as ofertas alimentares de cada um para compor a mesa do café da manhã da alvorada, que a comunidade revive o que foi, de fato, mais uma edição da festa. As memórias são

importantes ferramentas para a história cultural, são elas que ressignificam, ou significam cenários, gestos e afetos, como bem nos lembra Bosi (1994).

Comunicar-se enquanto o alimento é partilhado é uma ação muito importante do convívio entre as comunidades. É o instante em que cada expectador dimensiona para outro, cada ator ou dançarino, cada um que ali passou e se doou, tem entre um café e uma guloseima familiar, sua própria visão do que foi o Arraiá do Capim daquele ano. Não seria de todo injusto dizer que é neste momento que a festa acontece novamente, de outro modo, e porque não dizer de uma maneira talvez que jamais aconteceu.

Sendo assim, é importante celebrar a memória do grupo no momento do alvorecer, justamente porque fazem voz, dão coro a uma narrativa sensível, repleta do imaginário coletivo e esta narrativa torna-se a própria festa. Beneduzi, (2008, p.21) esmiúça esta experiência quando pontua que “os lugares da memória são um exemplo referencial na coletividade, ao mesmo tempo constituindo-se em fruto do passado comunitário e (re) laboração da experiência vivida”.

Muito mais que compartilharem a mesa, os moradores dividem a própria festa entre si novamente. É o momento de respirar a doce sensação do dever cumprido, e dos planos para o próximo festejo, que acontecerá no ano seguinte.

Enquanto as pessoas na contemporaneidade correm o risco de viver às margens das experiências nostálgicas, buscando em uma celebração, por exemplo, um tempo que não se encontra mais no presente, um momento que se perdeu na memória, os moradores da Rua do Capim, parecem reinventar-se a cada festejo. As vozes dos mais jovens são ouvidas e estas mesmas vozes procuram respeitar as tradições enquanto compartilham, com seus mais velhos, os conhecimentos que não precisam ser cristalizados, imutáveis, mas se adequam e dialogam com o tempo em que acontecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um festejo e seus atores, demanda à escrita, desde a limitação do tema, o recorte temporal, a escolha da metodologia que irá responder determinado questionamento, uma luta sem tréguas sem abrigos, entre aquilo que quer se construir do engenho criativo e a construção formal ou institucional que pede uma historiografia acadêmica. O resultado são parágrafos que são geridos dos efeitos dos tantos combates já travados e que se comprometem ou prometem aliviar o ardor daquele que se aventurar a trazer para o tema um novo olhar no seu tempo presente, correndo o risco, mesmo com o trabalho redigido e qualificado, a confundir-se por sua vez com os vestígios do passado e que o tempo não para de desmitificar.

A comunidade da Rua do Capim promove e mantém elementos de sua identidade cultural e permanência de suas redes de sociabilidade que unem indivíduos, familiares e visitantes durante a referida festa. Seus moradores, cercados por charmosos becos no bairro Carmo, constituem os fazedores da festa junina mais tradicional da cidade e diante de todo o exposto, isso é inegável.

Durante seus mais de setenta anos, a festa é mantida com os sentidos fraternais de outrora, notadamente, é o espaço do encontro, momento da ruptura, possibilidade de insurgências de usos e práticas espontâneas. Ela é vista como espaço da devoção e diversão das famílias que ali moram. Tentar compreender uma comunidade que vive à margem da estrutura elitista da cidade, e que delonga construindo uma história de permanência e afetividade, é um desafio para nós historiadores e pesquisadores. O entusiasmo dos moradores da rua para executar suas atividades, no sentido de manterem viva a festa, instiga-nos a mergulhar nesse labirinto de sentidos e significados.

O alimento, como aquele que foi feito para tocar o outro, tanto de forma cultural, quanto para regar os alegres dias festivos, é preparado com zelo por cada pessoa que se propõe a apresentar um sustento para a festa. O protagonismo dos pratos, intercalados com o rito, ou sendo eles o próprio rito, reforçam os laços de confraternização entre os moradores. Tanto quem prepara, quanto àquele que ensina a

preparar aprendem a dividir o arco de feitura do festejo, se sentem parte, remontam e ditam as ordens das coisas.

A Festa da Rua do Capim mantém-se fiel ao passado, mas não descuida dos requerimentos do presente e alicerça os seus preceitos em uma coreografia viva, moldada para e pela comunidade. É ela que engrossa o anseio de pertencimento e ensina com o exemplo dos contos, das narrativas passadas, do que já foi feito em edições anteriores, o que deve ser feito na próxima. Une com perseverança o ontem e o hoje, estimula a produção local de saberes e sentidos e mantém um incentivo permanente, entre participantes e observadores. Em uma análise cuidadosa podemos observar que há um trabalho que envolve pessoas, ideias, instituições e projetos, cujos desígnios é a construção de referências culturais que possam associar a festa que é feita hoje, com todo o esforço que já foi feito anteriormente a um conjunto de práticas culturais e populares transmitidas de geração para geração, criando com isso um campo de significações capazes de expressar a base das suas tradições.

E finalmente, o Arraiá do Capim e seus afazeres domésticos e rituais entrelaçam-se no sentido primordial de reunir, entreter e servir muito além do alimento, mas também uma experiência repleta de significados culturais e sociais. Os modos de fazer não se excluem, ou ficam a parte do sagrado cultuado na festa, pelo contrário se completam e se inserem dentro do rito.

O festejo acaba se tornando a comunidade e esta acontece com ele, sendo o ano composto de vários elementos que remetem novamente até a festa que chega ao fim, ou pelo menos até que o cantor da banda que dá o tom do baile anuncie o nome sorteado do próximo festeiro, onde então um ciclo bonito e repleto de significados recomeça.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGGIO, Adriana. *A importância do nome das coisas*. Revista Eletrônica Digestivo Cultural (2005), disponível em <https://www.digestivocultural.com/> acesso em 20 jul. 2020.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÔRTEZ, G. P. *Danças, Brasil: festas e danças populares*. Belo horizonte: Leitura, 2000.

DIANA, Daniela. *Quadrilha, Folclore e Danças Folclóricas*. Artigo on line, disponível em: <https://www.todamateria.com.br/quadrilha/>, acesso em 13 jul. 2020.

HOBBSAWN, Eric e RANGER Terence. *A invenção das Tradições*. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (26ª edição) São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa – reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994, p.11.

MANZINI, E. J. *Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados*. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. Pesquisa e educação especial: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

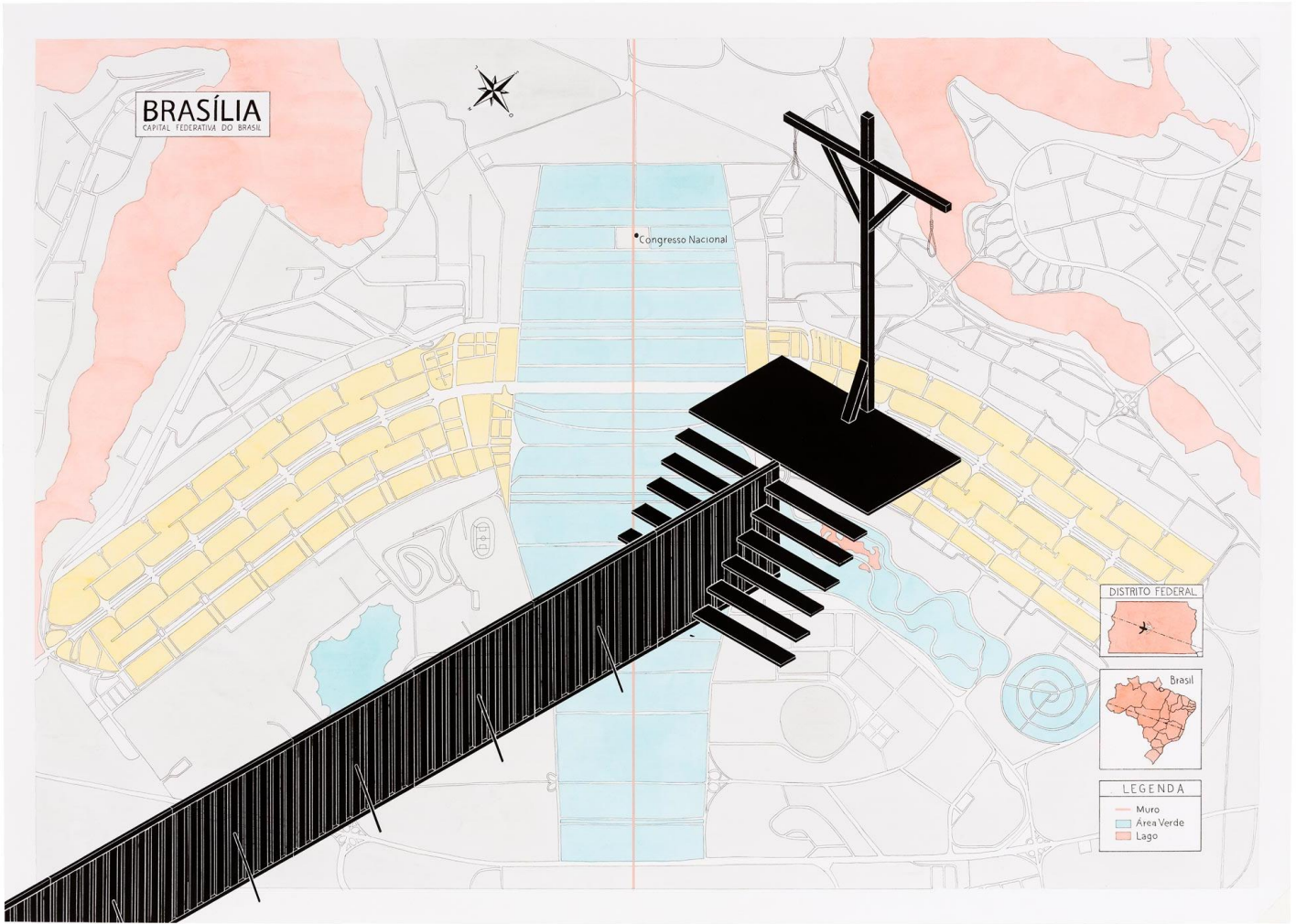
MAUSS, Marcel. *A prece* (1909). *Antropologia*. São Paulo. Ática (1979).

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. 1ª Ed. Editora SENAC, 2008.

TAMASO, Izabela Maria. *Em nome de patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. *Quadrilhas Juninas em Goiânia: novos sentidos e significados*. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

QUADRILHA do Capim. Direção de Lázaro Ribeiro. Cidade de Goiás: Museu da Imagem e da Memória, 2012. 1 DVD (9min. 37seg)



Artista: Talles Lopes

